

EUROCENTRISMO E CONHECIMENTO ENDÓGENO AFRICANO: notas introdutórias sobre o livro “A invenção das mulheres: construindo um sentido Africano para os discursos ocidentais de gênero” (OYÊWÙMÌ, 2021).

Roberto Rodrigues Ribeiro¹

Os estudos sobre a cultura suscitam diversas perspectivas dentre as quais, a abordagem decolonial tem ganhado vulto nas produções acadêmicas brasileiras nos últimos 10 anos. Temas e autores que antes eram tidos pela comunidade acadêmica como subversivos às produções científicas ancoradas no saber eurocentrado, hoje são cada vez mais trabalhados e citados em tais produções, conforme apontado por pesquisadores da Universidade de Brasília (UNB), pioneira na inclusão de cotas raciais².

As causas do aumento exponencial de temas raciais nas universidades, dentre outras razões, residem no reflexo das políticas públicas na escolaridade da população negra. Segundo o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano 2000, a diferença entre brancos e negros na graduação, era de 32,9 vezes e, ainda em 2010, essa diferença cai para 11,8 vezes, tornando-se ainda menor após a promulgação da Lei nº 12.711/2012 (lei de cotas). Já em 2020, o IBGE registrou um aumento de 400% no número de negros matriculados no ensino superior, entre 2010 e 2019, a taxa foi de 38,15% de total de matriculados. Mesmo assim, tal índice está abaixo do percentual que a população negra representa para o conjunto da sociedade brasileira, 56%. Ou seja, brancos representam 61,85% dos matriculados no ensino superior, no passo que estão entre os 44% da população brasileira. Mesmo ainda com toda a desigualdade que esses números representam, o que há de mais relevante é a revolução epistêmica impulsionada pelos movimentos negros que foram desde os movimentos de redemocratização à consecução das políticas de ação afirmativas. Tais eventos demonstram a importância deste arcabouço teórico nas pautas Democráticas e humanizadoras. Ainda assim, não estão livres do fundacionismo da modernidade ocidental que atua na manutenção dessa ordem que discrimina e desumaniza.

A obra de Oyêwùmì (2021), “A invenção das mulheres”, embora trate da imposição das categorias de gênero ocidentais sobre o discurso iorubá, desdobra diversas questões que são basilares para a compreensão do impacto do eurocentrismo nas produções acadêmicas, no exercício de compreender as bases epistemológicas da cultura ocidental e Iorubá. Tais produções, sejam elas contra hegemônicas ou não, para a autora, há uma quase inescapável fundação epistemológica que atua sobre o conhecimento cultural, de forma a considerar as formulações ocidentais como sendo elementos presentes em todas as sociedades.

Para melhor compreensão, faz-se necessário uma pequena reflexão sobre alguns conceitos que permeiam toda a obra: o etnocentrismo, eurocentrismo e afrocentrismo.

¹ Bacharel em Serviço Social pela UFRJ, pós-graduando em relações étnico raciais e gênero pela UERJ, pós-graduando em Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana pela Fiocruz. Entre outras publicações, destaca-se: RIBEIRO, Roberto Rodrigues; BASTOS, Rogério Lustosa; BISNETO, José Augusto *et al.* Psicologia social e lutas anticapitalistas: diálogo com o Projeto Ético e Político do Serviço Social. São Paulo: Dialética, 2023.

² Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/temas-raciais-ganham-folego-nas-universidades-brasileiras,683cec7e8c1f5410VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>. Acesso em: 20/06/2023.

Aqui, não há intenção de fazer uma análise profunda sobre a obra de Oyêwùmì (2021), mas sim, trazer à baila de forma introdutória, algumas das muitas referências que demonstram a existência de modelos alternativos a cultura Ocidental, moderna e colonial, a qual, ao ser globalizada, tornou-se hegemônica.

O etnocentrismo, segundo Vieira (2006)³, é o conceito que diz sobre a forma em que os grupos étnicos valorizam sua própria cultura e elaboram seu centro de referência. De fato, o etnocentrismo é uma característica de todos os povos, tanto dos nativos quanto dos europeus, portanto, universal. Em seu turno, o eurocentrismo é um modelo europeu que abstraiu elementos que são comuns a muitos grupos étnicos europeus e os articulou com as referências clássicas das civilizações Grega e Romana, criando uma visão de mundo generalizada. As características que mais se destacam no eurocentrismo é a falsificação histórica que legitima a imposição deste etnocentrismo específico, como sendo universal.

A cultura de origem Europeia, Grega e Romana, é o que chamamos de modelo moderno ocidental, imposto de forma violenta aos povos colonizados através do colonialismo que mundializou este centrismo com a pecha de ser o estágio mais avançado do desenvolvimento humano, no mesmo passo em que as culturas dos povos dominados são retratadas como primitivas, estáticas e arcaicas, em especial, as culturas africanas. O afrocentrismo é a construção teórica radicada nas experiências culturais africanas, propõe o resgate de um centrismo africano sem assumir uma postura universalista ou que seus elementos sejam aplicáveis a outras culturas. Como objetivo acadêmico, consiste em estudar, articular e afirmar o que difere o ponto de vista afrocentrado dos postulados supostamente universais do eurocentrismo.

A postura afrocentrado é inerente a perspectiva decolonial. Não é à toa que na narrativa europeia, a decolonialidade seja apresentada como uma tentativa de retroceder às formas de sociabilidade existentes no período pré-moderno, selvagem e incivilizado. Esta é uma falsa questão que embota a realidade das relações sociais na sociedade capitalista, que se funda sobre valores racistas, machistas e patriarcais, no mesmo instante em que postula que a luta pela emancipação só pode ocorrer no raio dessa sociabilidade (RIBEIRO, 2023).

Ao estudar a cultura Iorubá, Oyêwùmì (2021) não aborda a questão da mulher por considerar esse tema derivado das sociedades ocidentais, por tanto, um problema não autóctone e inexistente nessa cultura antes do contato com o colonizador. É a lógica cultural ocidental das categorias sociais que se baseiam no determinismo biológico que compreendem que a biologia fornece a base para a organização do mundo social, assim, tal lógica na verdade, é “bio-lógica”.

A autora afirma que os estudos africanos são historicamente privilégio do ocidente e por esta razão, esta lógica foi imposta às sociedades africanas de forma a considerar as suposições ocidentais sobre a diferença sexual como uma referência para interpretar as sociedades Iorubás. Considerando que o gênero é um organizador do mundo social ocidental, é notório o pensamento eurocêntrico ainda na base de muitas produções, assim como nas produções feministas que mesmo com o avanço do seu construcionismo social que nega o determinismo biológico em favor da concepção social determinista da sociedade,

³ Francisco Sandro Silveira Vieira (2006) – “Do eurocentrismo ao afropessimismo: reflexão sobre a construção do imaginário da “África” no Brasil “- Docente do Curso de Pós-Graduação/Latu Sensu em História da África: Educação, cultura e relações internacionais, do Centro Universitário Assunção. Pesquisador do Centro dos Estudos das Culturas e Línguas Africanas e da Diáspora Negra (CLADIN-UNESP).

permanece o fundacionismo biológico no centro do debate ao considerar a subordinação das mulheres como sendo universal, presente em todas as épocas e lugares. As duas ideias a par na mesma teoria, são antagônicas entre si, pois, se o gênero é uma construção social, não se pode afirmar a subordinação feminina como sendo universal sem considerar a base biológica a essa universalidade.

E continua a autora sobre a linguagem. No Ocidente, o corpo é o alicerce de toda a ordem social, que vai das organizações, corporações e a linguagem, de forma que as expressões “o corpo social” e o “corpo político” não sejam apenas metáforas. Lembra autora que na Alemanha, quando o corpo político precisou ser purificado, alguns corpos tiveram que ser eliminados. Da mesma forma, a linguagem ocidental é especificamente generificado, impactando nos estudos sobre as culturas africanas, pois, na linguagem iorubá, não há gênero, essa se relaciona mais com a senioridade que é a classificação social dos indivíduos com base em suas idades cronológicas. Ou seja, os nomes e pronomes não são generificado e, portanto, não determina o lugar de cada um. O termo “cosmovisão” é utilizado no ocidente para resumir a lógica cultural de uma sociedade, demonstra o privilégio visual do ocidente na forma a descrever outras culturas que podem privilegiar outros sentidos.

A autora faz uma rica análise sobre a colonização, um processo multifacetado que institucionalizou a categoria de gênero nas sociedades iorubás. Neste ponto, a autora resgata elaborações de teóricos da colonização, como Frantz Fanon e Albert Memmi e procura demonstrar como o colonizador diferenciava os corpos masculinos e femininos, agindo de acordo com tal distinção, explorando cada um a seu modo. Dessa forma, diz a autora que além de empregar a categoria “raça” deve-se considerar a categoria gênero sobre qualquer discussão acerca das hierarquias na situação colonial, de modo que nas hierarquias coloniais, mulheres africanas ocupam uma categoria residual, “outros”, aos olhos do europeu. A autora nos lembra uma tese importante que surgiu de estudos feministas que considera a “dupla colonização” de mulheres africanas, uma forma de dominação europeia e outra autóctone. Discordando de tal tese, a autora informa que as manifestações de opressão estão enraizadas nas hierarquias de raça e gênero imposta pelo europeu e não pelo africano.

Não caberiam neste pequeno texto, todas as colocações e argumentações da autora em sua obra, das quais, consideramos ser essencial para o debate sobre gênero e raça que se descola dos paradigmas coloniais. Vieira (2006) exprime a importância do ponto de vista afrocentrado apresentado por Oyêwùmí (2021) ao mencionar que, de um lado, é preciso questionar as verdades absolutas que desqualificam a existência humana da população negra e, de outro, deve-se incluir, de forma didática, a África e os africanos e sua herança cultural no cenário dessa existência.

Referências:

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. **Censo da educação superior**. Disponível em: <https://ces.ibge.gov.br/base-de-dados/metadados/inep/censo-da-educacao-superior.html>. Acesso: 06 jun. 2023.

OYÊWÙMÍ, O.; NASCIMENTO, Wanderson for do; MIRANDA, C. **A invenção das mulheres: Construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero**. 1ª edição. Rio de Janeiro, RJ: Bazar do Tempo, 2021.

RIBEIRO, Roberto Rodrigues. **Serviço Social e a Discriminação da Masculinidade Negra: uma análise junto da cultura e da subjetividade hegemônica.** 1ª ed. *In*: BASTOS, Rogério Lustosa *et al.* Psicologia social e lutas anticapitalistas: diálogo com o Projeto Ético e Político do Serviço Social. São Paulo: Dialética, 2023.

VIEIRA, Francisco S. **Do Eurocentrismo ao Afro pessimismo: reflexão sobre a construção do imaginário da África no Brasil.** Debate 03 (2006) Rev. do Depto. de Serviço Social PUC-Rio.